

**A SEMANA – 239\***

27 de dezembro de 1896

Leitor, aproveitemos esta rara ocasião que os deuses nos deparam. Só dois fôlegos vivos não são candidatos ao governo da cidade, tu e eu. E ainda assim não respondo por ti; neste século de maravilhas pode dar-se que um candidato tenha alma bastante para ler, ao café, uma coluna de sensaborias, e ir depois pleitear a palma de combate. Tudo é possível. Já se veem ossos através da carne; dizem que Edison medita dar vista aos cegos.<sup>1</sup> É o que faz na Bahia, sem outro instrumento mais que a sugestão, o nosso grande taumaturgo Antônio Conselheiro.

Mas em que é que aproveitaremos esta ocasião rara? Em dizer das letras e da poesia. Aqui temos Valentim Magalhães com o romance *Flor de sangue*; aqui temos Lúcio de Mendonça<sup>2</sup> com as *Canções do Outono*.<sup>3</sup> Iremos votar, decerto, tu e eu, mas há de ser depois de me haveres lido e bebido a chávena de café. O meu título de eleitor não é dos que ficaram devolutos para que um cidadão anônimo pegasse deles e os oferecesse a outros. Francamente, como é que esse cavalheiro não viu<sup>4</sup> que não se fazem distribuições tais senão a pessoas seguras, já apalavradas, de olho fino? Em que estava pensando quando entregou os títulos a desconhecidos que o foram denunciar? Não é que eu condene o ato. Um dos eleitores defraudados confessou que não vota há

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 362, p. 1, 27 dez. 1896), SEMMA (p. 398-404) e SEM1953 (v. 3, p. 365-374). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 347, p. 1, col. 5, 12 dez. 1896) lê-se: “o célebre electricista [Thomas] Edison está persuadido de que, com os raios Roentgen, será possível dar vista aos cegos, até àqueles que perderam os olhos, contanto que não fosse atingido o nervo óptico.”

<sup>2</sup> Mendonça] Mendonça, – em SEM1953.

<sup>3</sup> Valentim Magalhães (1859-1903) era escritor e jornalista, autor de *Flor de sangue* (1896). Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça (1854-1909) era advogado, jornalista, magistrado, contista e poeta, – autor de *Canções do outono* (1896). Machado de Assis incluiu os dois poetas no ensaio “A nova geração” (*Revista Brasileira*, 1879). Esse ensaio pode ser lido na *Machadiana Eletrônica* (v. 2, n. 4, p. 7-36 e p. 39-81, jul.-dez. 2019).

<sup>4</sup> viu] via – em GN. Seguimos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

muitos anos.<sup>5</sup> Pois se não vota, como é que se admira de que lhe tirem o título? A verdadeira teoria política é que não há eleitores, há títulos. Um eleitor que é? Um simples homem, não diverso de outro homem que não seja eleitor; a mesma figura, os mesmos órgãos, as mesmas necessidades, a mesma origem, o mesmo destino; às vezes, o mesmo alfaiate; outras, a mesma dama. Que é que os faz diferentes? Esse pedaço de papel que leva em si um pedaço de soberania. O homem pode ser banqueiro, agricultor, operário, comerciante, advogado, médico, pode ser tudo; eleitoralmente é como se não existisse: sem título, não é eleitor.

Ora bem, dada a abstenção, descuido, esquecimento ou ignorância da parte dos donos dos títulos, devem ou podem estes papéis, estes direitos incorporados ficar como terrenos baldios, sem a cultura do voto? É claro que não. Uma lei de desapropriação com processo sumário que tirasse o título ao eleitor remisso, três dias antes da votação, e o desse a quem mais desse, seria a forma legal de restituir àquele papel os seus efeitos. Mas, porque não temos uma lei dessas, devemos tratar direitos políticos, direitos constitucionais, como se fossem o lixo das praias, o capim das calçadas ou o palmo de pó que enche todas essas ruas, e que o vento, a carroça, o pé da besta levantam, que entra pelos nossos pulmões, cega-nos, suja-nos, irrita-nos, faz-nos mandar ao diabo o município e o seu governo? Não; seria quase um crime.

Portanto, o erro da pessoa que andou a oferecer títulos alheios foi a inabilidade. Alguns querem que o cidadão induzido a votar por outro, esteja a meio caminho de furtar um par de botas. É um erro; se o fato de votar por outro levasse alguém ao latrocínio, esta arte estaria em outro pé; ora, é sabido que não a pode haver mais rudimentária ou mais decadente. Já não há testamentos falsos?<sup>6</sup> Salvo algum peculato, desfalque ou coisa assim, a maior parte dos roubos são verdadeiras misérias. Pouca audácia, nenhuma originalidade. Talvez por isso, mal os jornais dão notícia de um delito desses, o esquecimento absorve o criminoso. Não imprimam *absolve*; quem absolve é o júri, no caso de haver processo; eu digo que o esquecimento absorve o criminoso, no sentido de se não falar mais nisso.

Mas deixemos criminologias,<sup>7</sup> e venhamos aos dois livros da quinzena. A *Flor de sangue* pode dizer-se que é o sucesso do dia. Ninguém ignora que Valentim Magalhães é dos mais ativos espíritos da sua geração. Tem sido jornalista, cronista,

---

<sup>5</sup> Corriam nos jornais notícias sobre títulos eleitorais desviados dos legítimos eleitores. A *Gazeta de Notícias*, em 23 de dezembro (ano XXII, n. 358, p. 1, col. 3), noticiava: “Procuraram-nos ontem vários dos cavalheiros eleitores da freguesia da Candelária, cujos diplomas andavam em mãos de um negociador e por feliz acaso vieram ter em nosso poder. / [...] / Ninguém desconhece a gravidade do caso, e está claro como a luz do dia que houve na municipalidade desídia ou mão criminosa que deixou sair da repartição competente esses documentos. / [...] / O Sr. Raul Figueira declara que ainda hoje não é eleitor, embora brasileiro de nascimento, e isto porque não crê na verdade eleitoral.”

<sup>6</sup> falsos?] falsos. – em SEMMA e em SEM1953. Em nosso entendimento, a interrogação é aceitável.

<sup>7</sup> criminologias,] criminologias – em SEM1953.

contista, crítico, poeta, e, quando preciso, orador. Há vinte anos que escreve, dispersando-se por vários gêneros, com igual ardor e curiosidade. Quem sabe? Pode ser que a política o atraia também, e iremos vê-lo na tribuna, como no jornalismo, em atitude de combate, que é um dos característicos do seu estilo. Naturalmente nem tudo o que escreveu terá o mesmo valor. Quem compõe muito e sempre, deixa páginas somenos; mas é já grande vantagem dispor da facilidade de produção e do gosto de produzir.

Pelo que confessa no prefácio, Valentim Magalhães escreveu este romance para fazer uma obra de fôlego e satisfazer assim a crítica. No fim do prefácio, referindo-se ao romance e ao poema, como as duas principais formas literárias, conclui: “Tudo o mais, contos, odes, sonetos, peças teatrais são matizes, variações, gradações; motivos musicais, apenas porque as óperas são só eles.” Este juízo é por demais sumário,<sup>8</sup> e não é de todo verdadeiro. Parece-me erro pôr assim tão embaixo *Otelo* e *Tartufo*.<sup>9</sup> Os sonetos de Petrarca<sup>10</sup> formam uma bonita ópera. E Musset?<sup>11</sup> Quantas obras de fôlego se escreveram no seu tempo que não valem as *Noites* e toda juventude<sup>12</sup> de seus versos, entre eles este, que vem ao nosso caso:

Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre.<sup>13</sup>

Taça pequena, mas de ouro fino, cheia de vinho puro, vinho de todas as uvas, gaulesa, espanhola, italiana e grega, com que ele se embriagou a si e ao seu século, e aí vai embriagar o século que desponta. Quanto às ficções em prosa, conto, novela, romance, não parece justo desterrar as de menores dimensões. *Clarissa Harlowe*<sup>14</sup> tem um fôlego de oito volumes. Taine crê que poucos suportam hoje esse romance. Poucos é muito: eu acho que raros. Mas o mesmo Taine prevê que no ano 2.000 ainda se lerá a *Partida de gamão*,<sup>15</sup> uma novelinha de trinta páginas; e, falando das outras narrativas do

<sup>8</sup> sumário,] sumário – em SEM1953. Em SEMMA não há a parte restante do período, que vem depois da vírgula; não há nem mesmo o ponto-final.

<sup>9</sup> *Otelo*, tragédia de Shakespeare (1564-1616); *Tartufo*, comédia de Molière (1622-1673).

<sup>10</sup> Francesco Petrarca (1304-1374): poeta italiano, autor do *Canzoniere*.

<sup>11</sup> Louis Charles Alfred de Musset (1810-1857) era poeta e dramaturgo francês, autor do poema *Les Nuits*.

<sup>12</sup> toda juventude] toda a juventude – em SEMMA e em SEM1953. Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 369), em nota à edição desta crônica, informa: “Na *Gazeta de Notícias* está ‘toda juventude’, certamente erro de revisão.” Já observamos que Machado emprega alternativamente, como os clássicos da língua, uma e outra forma.

<sup>13</sup> “Meu copo não é grande, mas bebo do meu próprio copo.” [Tradução nossa] Esse verso vem em *La coupe et les lèvres* (1833) – poema dramático em dois atos –, em dedicatória a M. Alfred Tattet. (MUSSET, 1889, p. 167)

<sup>14</sup> *Clarissa Harlowe*] *Clarine Harlowe* – em GN; *Clarisse Harlowe* – em SEMMA e em SEM1953. *Clarissa* (1748) é romance epistolar de Samuel Richardson (1689-1761). Hippolyte-Adolphe Taine (1885-1887, t. 4, p. 112-124) o comenta em sua *Histoire de la littérature anglaise*.

<sup>15</sup> “Il est probable qu'en l'an 2000 on relira *la Partie de Trictrac*, pour savoir ce qu'il en coûte de manquer une fois à l'honneur.” (TAINÉ, 1903, p. 225.): “É provável que no ano 2000 leiamos a *Partida de gamão* [de Mérimée, 1803-1870], para saber o que custa perder uma vez o centro das atenções.” [Trad. nossa]

autor de *Carmen*, todas de escasso tomo, faz esta observação verdadeira: “É que são construídas com pedras escolhidas, não com estuque e outros materiais da moda.”<sup>16</sup>

Este é o ponto. Tudo é que as obras sejam feitas com o fôlego próprio e de cada um, e com materiais que resistam. Que Valentim Magalhães pode compor obras de maior fôlego, é certo. Na *Flor de sangue* o que o prejudicou foi querer fazer longo e depressa. A ação, aliás vulgar, não dava para tanto; mal<sup>17</sup> chegaria a metade. Há muita coisa parasita, muita repetida, e muita que não valia a pena trazer da vida ao livro. Quanto à pressa, a que o autor nobremente atribui os defeitos de estilo e de linguagem, é causa ainda de outras imperfeições. A maior destas é a psicologia do Dr. Paulino. O autor espiritualiza à vontade um homem que, a não ser a sua palavra, dá apenas a impressão do lúbrico; e não há admitir que, depois da temporada de adultério, ele se mate por motivos de tanta elevação nem ainda por supor não ser amado. Não tenho espaço para outros<sup>18</sup> lances inadmissíveis, como a ida de Corina à casa<sup>19</sup> da rua de Santo Antônio (pág. 141). Os costumes não estão observados. Já Lúcio de Mendonça contestou que tal vida fosse a da nossa sociedade. O erotismo domina mais do que se devera esperar, ainda dado o plano do livro.

Não insisto; aí fica o bastante para mostrar o apreço em que tenho o talento de Valentim Magalhães, dizendo-lhe alguma coisa do que me parece bom e menos bom na *Flor de Sangue*. Que há no livro certo movimento, é fora de dúvida; e esta qualidade em romancista vale muito. Verdadeiramente os defeitos principais deste romance são dos que a vontade do autor pode corrigir nas outras obras que nos der, e que lhe peço sejam feitas sem nenhuma ideia de grande fôlego. Cada concepção traz virtualmente as proporções devidas; não se porá *Mme. Bovary* nas cem páginas de *Adolfo*, nem um conto do Voltaire<sup>20</sup> nos volumes compactos de George Elliot.<sup>21</sup>

Para que Valentim Magalhães veja bem a nota assaz aguda que deu a algumas partes da *Flor de Sangue*, leia o prefácio de Araripe Júnior nas *Canções do Outono*,

<sup>16</sup> “C’est qu’ils sont bâtis en pierres choisies, non en stuc et autres matériaux de mode.” (TAINÉ, 1903, p. 223-224.)

<sup>17</sup> mal] mas – em GN. Seguimos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

<sup>18</sup> outros] estes – em GN. Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 370) informa: “Na *Gazeta de Notícias* está ‘estes’, erro de revisão, como facilmente se vê pelo contexto. A correção já está feita na ed. de Mário de Alencar e nas anteriores ed. Jackson de *A Semana*.” Acolhemos a correção.

<sup>19</sup> Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 370) comenta: “Certamente por lapso de revisão, na *Gazeta de Notícias* está ‘a casa’. O *a* já vem acentuado como é de rigor neste caso, na ed. de *A Semana*, organizada por Mário de Alencar e nas outras ed. Jackson da presente obra.”

<sup>20</sup> Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 371) informa: “É possível que, em vez de ‘do Voltaire’, como se lê na *Gazeta de Notícias*, o Autor tenha escrito ‘de Voltaire’, como está na ed. de Mário de Alencar e nas ed. Jackson de *A Semana* anteriores a esta.” Na edição que consultamos de *A semana*, organizada por Mário de Alencar, de 1922, vem “do Voltaire”.

<sup>21</sup> *Madame Bovary*, romance do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880); *Adolfo*, romance de Henri-Benjamin Constant de Rebecque (1767-1830), escritor e político francês de origem suíça; François-Marie Arouet (1694-1778), mais conhecido como Voltaire, era filósofo e escritor francês; George Elliot, pseudônimo de Mary Anne Evans (1819-1880), romancista britânica.

comparado com o livro de Lúcio de Mendonça. O valente crítico fala longamente do amor, e sem biocos, pela doutrina que vai além de Mantegazza,<sup>22</sup> segundo ele mesmo expõe; e definindo o poeta das *Canções do Outono*, fala de um ou outro toque de sensualidade que se possa achar nos seus versos. Entretanto, é bem difícil ver no livro de Lúcio de Mendonça coisa que se possa dizer sensual.<sup>23</sup> *O Ideal* é o título da primeira composição; ele amará em outras páginas com o ardor próprio da juventude; mas as sensações são apenas indicadas. Basta lembrar que o livro (magnificamente impresso em Coimbra) é dedicado por ele à esposa, então noiva.

Vários são os versos deste volume, de vária data e vária inspiração. Não saem da pasta do poeta, para a luz do dia, como<sup>24</sup> segredos guardados até agora; são recolhidos de jornais e revistas, por onde Lúcio de Mendonça os foi deixando. O mérito não é igual em todos; a *Flor do Ipê*, a *Tapera*, a *Ave-Maria*, para só citar três páginas, são melhor inspiradas e bem compostas que outras, – versos de ocasião. Há também traduções feitas com apuro. Por que fatalidade acho aqui vertido em nossa língua o soneto *Analyse*, de Richepin?<sup>25</sup> Nunca pude ir com esta página do autor de *Fleurs du Mal*.<sup>26</sup> Essa análise da lágrima, que só deixa no crisol *água, sal, soda, muco*<sup>27</sup> e *fosfato de cal*, em que é que diminui a intensidade ou altera a espiritualidade dos sentimentos que a produzem? É o próprio poeta<sup>28</sup> que, na *Charogne*,<sup>29</sup> anunciando à amante que será cadáver um dia, canta as suas emoções passadas:

Alors ô ma beauté, dites à la vermine<sup>30</sup>  
 Qui vous mangera de baisers,  
 Que j'ai gardé la forme et l'essence divine  
 De mes amours décomposés.<sup>31</sup>

<sup>22</sup> Paolo Mantegazza (1831-1910) era escritor, neurologista e fisiologista italiano. Notabilizou-se por ter isolado a cocaína de folhas da coca, que utilizou em experimentos, investigando seus efeitos psicológicos em humanos. Escreveu obras de ficção, como, por exemplo: *Un Giorno a Madera* (1876), *L'Anno 3000* (1897).

<sup>23</sup> sensual.] sensível. – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

<sup>24</sup> como] com – em GN. Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 372) informa: “Na *Gazeta de Notícias* está ‘com’, por evidente lapso de revisão. A emenda já vem não só na ed. de Mário de Alencar, mas ainda nas ed. Jackson de *A Semana* anteriores a esta.”

<sup>25</sup> Jean Richepin (1849-1926) era poeta, romancista e dramaturgo francês.

<sup>26</sup> Na crônica seguinte a esta, “A Semana – 240”, de 3 de janeiro de 1897, Machado retifica essa informação: “Pequeno lapso: domingo passado escrevi ‘autor de *Fleurs du Mal*’ onde devera escrever ‘autor de *Blasphèmes*’, tudo porque uma estrofe de Baudelaire me cantava na memória para corrigir com ela o seu patricio Richepin.” Aurélio Buarque de Holanda (1953, v. 3, p. 372) registra: “V. retificação do Autor na crônica seguinte.”

<sup>27</sup> muco] muço – em GN.

<sup>28</sup> Com esta expressão – “o próprio poeta” – Machado atribui a Richepin uma estrofe de Baudelaire. Esse detalhe não foi corrigido na “retificação” da crônica seguinte.

<sup>29</sup> “Une charogne”, de Charles Beaudelaire, é um poema de *Les Fleurs du Mal* (1857).

<sup>30</sup> Alors ô ma beauté, dites à la vermine] Alors ô ma beauté, dites à la vermine – em GN; Alors o ma beauté, dites à la vermine – em SEMMA; Alors, ô ma beauté! dites à la vermine – em SEM1953.

<sup>31</sup> “Alors, ô ma beauté! dites à la vermine / Qui vous mangera de baisers, / Que j’ai gardé la forme et l’essence divine / De mes amours décomposés.” (BAUDELAIRE, 2019, p. 106); “Então, minha querida! dirás à vermina, / Com seus beijos devoradores, / Que conservei a forma e a essência divina / De meus decompostos amores!” (BAUDELAIRE, 2019, p. 107. Tradução de Júlio Castañon Guimarães)

Pois a lágrima é isso, é a essência divina, seja da dor, seja do prazer, seja ainda da cólera das pobres criaturas humanas. Felizmente, no mesmo volume o poeta nos dá a tradução do famoso soneto de Arvers<sup>32</sup> e de outras composições de mérito. Eu ainda não disse que tive o gosto de prefaciar o primeiro volume de Lúcio de Mendonça, e não o disse, não só para não falar de mim, – que é mau costume, – mas para não dar razão aos que me arguem de entrar pelo inverno da vida. Em verdade, esse rapaz, que eu vi balbuciar os primeiros cantos, é hoje magistrado e alto magistrado, e o tempo não terá andado só para ele. Mas isso mesmo me faz<sup>33</sup> lembrar aquela circunstância. Eis-nos aqui os dois, após tantos anos, sem haver descrito das letras, e achando nelas um pouco de descanso e um pouco de consolo. Muita coisa passou depois das *Névoas Matutinas*;<sup>34</sup> não passou a fé nas musas, e basta.



### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 362, p. 1, 27 dez. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=15501](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15501)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

---

<sup>32</sup> Arvers] Auvers – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar. Félix-Alexis Arvers (1806-1850) era poeta e dramaturgo francês, que ficou conhecido pelo chamado *Sonnet d'Arvers*. Melo Nóbrega (1980), em estudo sobre o soneto, a que Sainte-Beuve dera o título de “roi des sonnets”, afirma ser este “o mais conhecido poema da língua francesa”. Esse estudioso reuniu nada menos do que 132 traduções do poema para a língua portuguesa, a primeira das quais é a de Lúcio de Mendonça. Entre os tradutores encontra-se d. Pedro II.

<sup>33</sup> faz] fará – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

<sup>34</sup> Livro de Lúcio de Mendonça, publicado em 1872. Machado de Assis escreveu uma carta-prefácio para essa obra. (Ver ASSIS, 2008, v. 3, p. 1193-1195)

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e organização de Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MÉRIMÉE, Prosper. *Colomba*. Paris: Librairie des Amateurs, 1913. (Disponível em: <<https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb309301809>>)

MUSSET, Alfred de. *Oeuvres complètes*. Poésies. Paris: G. Charpentier, 1889. (Disponível em: <<https://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb30999339t>>)

NÓBREGA, Melo. *O soneto de Arvers*. 3. ed. revista e aumentada. Prefácio de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

TAINÉ, Hippolyte-Adolphe (1828-1893). *Histoire de la littérature anglaise*. Paris: Librairie Hachette, 1885-1887, 5 v.

TAINÉ, H. *Derniers essais de critique et d'histoire*. 3. ed. Paris: Librairie Hachette, 1903.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.